



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

EMOÇÃO E FÉ: DOS FESTEJOS DO DIVINO Á CHEGADA DAS BANDEIRAS

Suerlange Ferraz de Jesus*
(UESB)

Isnara Pereira Ivo**
(UESB)

RESUMO

A Festa do Divino começou a ser celebrada em Portugal a partir do século XVI e foi difundida entre algumas partes do território brasileiro durante a colonização. A Festa teria chegado ao Brasil através de missionários e habitantes europeus. Tal festa atingiu seu apogeu em todo o país durante o século XIX, Hoje a festa é realizada em várias cidades brasileiras como Mogi das Cruzes (SP), Pirenópolis (GO), Sabará (MG), Poções (BA). Em Poções tal festejo reúne emoção e fé, demonstrado durante os dez dias de celebração ao padroeiro da cidade. O artigo objetiva-se pensar o significado da festa para os moradores desta cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Festejos ao Divino, Fé e Chegada das Bandeiras

INTRODUÇÃO

As festas são celebradas ao longo dos tempos como utopias, períodos de fantasias, ações burlescas, liberdade; a festa também é um fator político, simbólico. As festas são períodos que alteram a rotina de uma cidade, assim Del Priore (1994) define tal ocasião. A autora salienta que as festas coloniais foram embaladas por

* Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: suferraz21@hotmail.com

** Orientadora. Professora Dra. do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma comum origem, a europeia. Em determinados períodos da produção agrícola era costume reunir grupos sociais e proporcionar festas em comemoração aos ciclos agrícolas.

[...] As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias festas, os quais formam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros) (PRIORE, 1994, p.13).

A Igreja Católica procurava substituir as festas consideradas pagãs por festas cristãs. Um exemplo é a festa do Divino, comemorada no mês de maio, por meio da qual procurava-se evitar o paganismo dos povos Maias, representados nas danças e músicas por procissões. As festas e procissões permitiam a todas as camadas sociais o divertimento, a fantasia e o lazer. Schwarcz cita que as procissões são divertimentos extravagantes e também um desfile de valorações (SCHWARCZ, 2001). As procissões e festas faziam e fazem parte das comemorações em honra ao Divino.

A Festa do Divino Espírito Santo origina-se em Portugal e foi difundida entre algumas partes do território brasileiro durante a colonização. Segundo Moraes, não se sabe ao certo a origem da Festa do Divino e sua chegada no Brasil, segunda ela a justificativa mais aceita seria

De que a festa teria então surgido em Portugal com origens nobres, sendo instituída por iniciativa da rainha Isabel casada com o rei D. Diniz em Alenquer. A devoção então teria se espalhado por todo o Império, até se radicar nos Açores, arquipélago distante mil

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

e quinhentos quilômetros da costa portuguesa, formado por nove ilhas conhecidas como “Ilhas do Divino Espírito Santo”. Em relação à periodização do início dessa festa, foram encontradas discordâncias entre os autores pesquisados. Abreu (2002) afirma ter começado no início do século XIV, muito antes da Reforma Católica. Já a autora Schwarcz (1998), periodiza a festa como sendo do século XIII. O memorialista poçoense Marques (1989) atribui a periodização ao início do século XIV com uma origem portuguesa. (MORAIS, 2004, p. 40)

Brandão (1978) afirma que provavelmente a Festa do Divino começou a ser celebrada em Portugal a partir do século XVI, sendo que a festa começou a ser difundida diante das epidemias que surgiram neste período.

Segundo estudos, a Festa do Divino teria chegado ao Brasil através de missionários e habitantes europeus. Tal festa atingiu seu apogeu em todo o país durante o século XIX,

Acredita-se, vagamente, que o costume de festejar o Espírito Santo vem de Portugal e teria sido trazido ao Brasil com os primeiros padres missionários e os primeiros habitantes europeus. Aceita-se de modo geral, que a Festa estaria difundida em outras áreas do país antes de chegar a Goiás (MÉRCIA apud BRANDÃO, 2004, p. 63).

E dessa forma se espalhou por várias regiões do país como: Mogi das Cruzes (SP), Pirenópolis (GO), Sabará (MG), Poções (BA), Alcântara (MA), Palmas de Monte Alto (BA), Diamantino (MG), São Lourenço do SUL (RS). Em minha pesquisa enfocarei a festa realizada nas cidades de Pirenópolis, Sabará e Poções.

Sabará é uma cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte em Minas Gerais que celebra a Festa do Divino ou Folia do Divino há mais de 230 anos. A festa do Divino é realizada de acordo com o calendário litúrgico, entre maio e junho. Os festejos iniciam-se nove dias antes do dia em que a Igreja celebra o dia de Pentecostes.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Pirenópolis é localizada em Goiás e foi fundada em 1727 pelos bandeirantes. A cidade é reconhecida internacionalmente devido à festa do Divino e suas cavalhadas. O primeiro registro da festa aparece em 1819 e foi promovida pelo coronel Joaquim da Costa Teixeira.

Nas festas realizadas em Pirenópolis e Sabará encontra-se a figura do Imperador, que é representado por um adulto ou por uma criança. É costume que o imperador, quando adulto, exerça certo poder sobre os demais devotos. Geralmente os imperadores adultos ocupam cargos de destaque na sociedade. Em 2006, o Imperador em Sabará foi o diretor jurídico da Faculdade de Sabará. O imperador possui um quadro de empregados

[...] Há uma hierarquia dos postos na corte do imperador: o mais elevado é, naturalmente, o do Imperador, a que se segue o mordomo do Mastro: têm destaque os Mordomos da Vara Grossa e os da Vara Delgada; e há, ainda, entre outros, o Condestável, o Camarista, O Pajem do Estoque, o Guarda Roupa, o Forriél-Mor (JANCÓS; KANTOR apud MAGALHÃES, 2001,p.940)

Em tal festa também é encontrado a figura do Mordomo, que é responsável por conduzir a bandeira do Divino no dia do hasteamento do Mastro. O mastro está ligado à expansão marítima. Os navegantes resolveram colocar duas madeiras nas embarcações para içarem as velas durante suas viagens. Com a colonização de novas terras, o Papa Leão XIII ordenou que se colocassem em frente às igrejas um mastro como forma de identificação para os viajantes.

Outro destaque em tal festa são as Cavalhadas. Palavra de origem medieval, as cavalhadas são torneios eqüestres disputados entre cristãos e mouros. São também chamadas de mouriscas e mouriscadas. As cavalhadas eram

Torneios nos quais dois bandos ou grupos rivais, disputavam jogos de cana, argolas, alcanzias, cabeças e uma variedade de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

invenções [...] As cavalhadas eram festas constantes em quase todos os festivos, mas não eram rigidamente fixas no calendário. Celebradas na colônia em ocasiões especiais, ora estavam ligadas a Igreja (Pentecostes, ora vinculadas ao Estado. O numero de dias para sua execução – geralmente três- era determinada pelos senhores e câmaras.(JANCSÓ; KANTOR apud GONÇALVES,2001,p.952)

O combate simulado ou real entre os dois grupos rivais tem a presença quase obrigatória nas cavalhadas coloniais. Havia dois tipos de combate: as escaramuças e as justas. A primeira era coletiva e a segunda uma forma de desafio entre cavaleiros rivais. As cavalhadas incluem jogos de patos, pombos e carneiros, nos quais os cavaleiros cortavam com a espada ou perfuravam com a lança os pequenos animais.

Dentro deste contexto, pretendo fazer um breve estudo sobre o papel religioso, social e econômico da Festa do Divino na cidade de Poções, localizada na região sudoeste da Bahia, destacando as principais partes da festa, como o novenario e a chegada das Bandeiras e fazer breves comparações entre as peculiaridades existentes nos festejos em Poções e os existentes em outras cidades como Sabará em Minas Gerais e Pirenópolis em Goiás.

O povoamento na cidade de Poções data do final do século XVIII, com a chegada da família Gonçalves da Costa. Thimoteo Gonçalves e seus filhos fixaram residência às margens do Rio São José, localizado nas proximidades das construções mais antigas da cidade, como a capela de Nossa Senhora da Lapinha e a Igreja (Igrejinha) do Divino. Com a construção da Capela da Lapinha, em 1792, inicia-se a manifestação do Catolicismo no então povoado. A capela era feita de barro, como salienta o príncipe Maximiliano;

[...] Em breve achei-me no pequeno arraial de Poções, cujo vigário pareceu-me grande apreciador de bebidas fortes, pelo menos a julgar pelo estado de completa embriaguez. O lugar conta com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma dúzia de casas e uma capela feita de barro (WIED
NEWIED,1989, p.445)

Depois da Construção da Capela Da Lapinha, iniciou-se a construção da Igrejinha do Divino, atual titular da cidade, devido aos donativos recebidos de fiéis da zona rural e urbana e de testamentos. Segundo relatos de antigos moradores da cidade, o Divino Espírito Santo foi escolhido como titular em virtude de uma nuvem de pombos que pairou durante a construção da Capela da Lapinha. Os festejos ao Divino Espírito Santo são de origem portuguesa, a festa é oficialmente realizada em Poções a partir de 1880, pelo então pároco Luis França dos Santos.

Atualmente os festejos em honra ao Divino acontecem anualmente entre os meses de maio e junho, não tendo data fixa para acontecer, pois deve coincidir com o dia de Pentecostes. A festa possui caráter religioso e “profano”, pois a festa religiosa acontece paralela à festa de largo.

Os festejos ao Divino Espírito Santo em Poções são marcados por aspectos peculiares, como a ausência do Imperador e do mordomo e a existência de uma cavalgada. Em Sabará e Pirenópolis, cidades que homenageiam o titular¹⁸⁰, a festa é marcada pela presença de um Imperador, um membro da sociedade que podia ser uma criança ou um adulto, sendo que o ultimo exerce certo controle sobre os primeiros. O imperador possui um quadro de empregados

[...] Há uma hierarquia dos postos na corte do imperador: o mais elevado é, naturalmente, o do Imperador, a que se segue o mordomo do Mastro: têm destaque os Mordomos da Vara Grossa e os da Vara Delgada; e há, ainda, entre outros, o Condestável, o Camarista, O Pajem do Estoque, o Guarda Roupa, o Forriel-Mor. (JANCSÓ; KANTOR apud MAGALHÃES,2001,p.939)

³ O Divino Espírito Santo por não apresentar aspectos físicos como Santo Antônio, São José e demais santos é considerado titular e não padroeiro. Informação



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Tanto em Sabará como em Pirenópolis, a bandeira do Divino é levada em procissão da casa do mordomo, acompanhada pelo povo, música e fogos. Tais aspectos não são encontrados na cidade de Poções. Na cidade, existem os responsáveis pela festa em suas duas vertentes. O padre e a equipe de festas coordenam o novenário – a missa de Pentecoste, a procissão. O senhor Homero Ferreira da Silva é responsável juntamente com a sua família há mais de 20 anos pela Chegada das Bandeiras e Alvorada; auxilia na construção do mastro e designa uma comissão para tratar da parte profana.

No âmbito religioso, a festa é marcada por um novenário, incluindo a Chegada das Bandeiras, um dos momentos auge da festa, a busca do Mastro e missa de encerramento no domingo, o dia de Pentecostes. Já a considerada festa profana é o espaço aberto ao público, com atrações de renome nacional, barraquinhas de lanche e jogos, parques e um espaço destinado à exposição de trabalhos de artistas e artesãos da cidade. Existe também a alvorada que possui o sentido tanto religioso como profano.

Um dos momentos mais esperados nos festejos ao Divino é a Chegada das Bandeiras, que reúne centenas de cavaleiros e amazonas. Durante muito tempo, duas bandeiras percorriam a então freguesia, arrecadando contribuições para custear a festa e, dez dias antes da festa, as bandeiras ficavam em Poçõesinho (bairro situado nas proximidades da BR 116). No oitavo dia de festejos, os cavaleiros saíam em cortejo até o local para apanharem as bandeiras, o que ocorre até hoje. De acordo com Morais Filho,

À notícia de que andavam bandeiras, não havia casa que não julgasse honrada de receber-lhes a visita, não havia um pobre que, em sua palhoça humilde, deixasse de se prevenir para o favorável agasalho dos foliões, reservando, na falta de esmola pecuniária, uma galinha, uma leitoa, uns pombinhos, um peru, para oferecer ao Divino. (MORAIS, 2004, p.40)

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Atualmente, o responsável pela chegada das Bandeiras arrecada doações através do intitulado livro de ouro, tais ofertas servem para a compra de fogos, flores, ornamentação dos cavalos e dos carros que acompanham os cavaleiros.

O cortejo da bandeira é organizado da seguinte maneira: na frente vem um mini trio elétrico, carros que comportam os fogos, o carro dos anjos, os cinqüenta cavaleiros, os que podem pagar pelas vestes e ornamentos dos cavalos. Destes, doze homens levam o estandarte, representando os doze apóstolos, os demais cavaleiros e amazonas, os carroceiros, motociclistas.

Em Pirenópolis, os foliões saem pelas ruas em forma de cortejo, passando de casa em casa e pedindo donativos, porém tal festejo é denominado de Cavallhada. Meyer descreve as Cavallhadas como “divertimentos equestres, praticados pela aristocracia portuguesa”, é também considerada como “uma luta entre cavaleiros cristãos, de azul, e mouros, de encarnado”. Gonçalves define as cavallhadas como “torneios nos quais dois bandos ou grupos rivais disputavam jogos de canas, argolas, alcanzias, cabeças e uma variedade de invenções”. Em Poções não existem sinais de cavallhadas.

A Chegada das Bandeiras é um momento forte para a comunidade, para Morais “a bandeira leva fé e religiosidade para toda a cidade”. Durante o trajeto feito pelos cavaleiros é visível a emoção daqueles que acompanham o cortejo, faixas, flores e fotos são colocados sobre as janelas das residências. Muitas pessoas fazem questão de tocarem no estandarte depositando ali os pedidos e agradecendo pelos feitos realizados durante o ano. O cortejo dos cavaleiros é acompanhado por muitos fogos e pela música hino da festa,

Os devotos do Divino, vão abrir sua morada;
Pra bandeira do menino, ser bem-vinda, ser louvada;
Deus lhe salve esse devoto, pela esmola em vosso nome;

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome.

A bandeira acredita, que a semente seja tanta;
Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa;
Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita;
Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva.

Assim como os três reis magos, que seguiram a estrela guia;
A bandeira segue em frente, atrás de melhores dias;
No estandarte vai escrito, que Ele voltará de novo;
E o rei será bendito, Ele nascerá de novo.
(Lins, Ivan - A bandeira do Divino)

Os que ajudam a organizar a Chegada das Bandeiras acreditam que estão pagando uma dívida com Deus. Um dos senhores do grupo quando perguntado o porquê da sua participação na festa, responde que é dever dá gente, é dever nosso. Neste momento percebe-se uma visão do homem medieval, quando se acreditava que Deus era o certo do mundo. Em outro relato o entrevistado comenta que para Deus não existe uma diferenciação das pessoas e todos são importantes diante do Divino.

Gosto de estar com o Divino Espírito Santo todos os anos. Só tem uma coisa, esse ano o festejo ta meio devagar mas é assim mesmo. Tudo acontece porque Deus quer. Participo da Chegada das Bandeiras, da comissão da Chegada das Bandeiras há 12 anos e é um prazer para todos nós. Participo todos os anos porque Deus quer e Deus não deferência nada e ninguém (SANTANA, 2010)

Tal momento é propício a pagamento de promessas, é comum presenciar crianças e adultos vestidos de anjos e santos ou trajados de branco, alguns percorrem o cortejo descalços, desde a saída do bairro Poçõesinho até a igreja matriz que é localizada no centro da cidade, ponto em que é recebido o cortejo. Momento de muita emoção e fé. Como o Divino Espírito Santo não tem forma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

humana, as pessoas veneram a imagem da pomba que está presente no estandarte ou na bandeira.

Durante o cortejo da chegada das bandeiras, os moradores da Rua Vitória da Conquista saúdam o Divino. Muitos se aproximam do estandarte carregado pelo senhor Homero. Ele que vem a frente dos cavaleiros. Os fieis costumam passar a mão ou beijar o estandarte em forma de reverencia ao titular da cidade. Muitos moradores enfeitam as janelas das casas com flores, alguns colocam faixas e outros soltam fogos saudando o Divino.

REFERÊNCIAS

- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GONÇALVES, José Artur Teixeira. Cavalhadas na América Portuguesa. In: Jancsó, I; Kantor (orgs.). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001, vol II, p. 952
- MAGALHÃES, B. R. de. O Divino e a “Festa do martírio”. In: Jancsó, I. e Kantor (orgs.). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, vol II, p. 939
- LINS, Ivan. **Música Os devotos do Divino**, cd Perfil 2010, faixa 3.
- MORAIS FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 1999.
- MORAIS, Mércia Morais. **O Sagrado e o profano em Poções**. Poções, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Viajantes em Meio ao Império das Festas. In: Jancsó, I; Kantor (orgs.). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, vol II, p. 606 a 607
- WIED-NEWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. (Coleção Reconquista do Brasil, v.156).
- Entrevista realizada em maio de 2010 com o senhor Sr. Joaquim Félix Santana.